



7

**PAULO DANTAS** é escritor. Entre seus livros destacam-se o romance *Capitão Jagunço* (Editora Global) e uma biografia de Euclides da Cunha, *Antologia Euclidiana* (Editora Pioneira).



# Através dos sertões



Escritores como Euclides da Cunha ou Guimarães Rosa são para ser relidos. E nas suas releituras, novas e surpreendentes grandezas, passos mágicos são captados, sendo que dentro dos cânones estéticos, tanto um como outro tende a deslumbrar o leitor.

Acho mesmo ser obrigatória a releitura, apenas avisando que se Euclides esmaga e não dá paz, Rosa concede pausas que refrescam, enredos novos recriados. É claro que isso acontece com Guimarães Rosa por se tratar de um ficcionista. Já com Euclides, sociólogo e historiador, geógrafo e cientista comprometido, essas pausas são raras mesmo que ele descreva um juazeiro e sua sombra. Euclides é rígido e não admite, na rigidez dos seus períodos, uma intimidade maior com o leitor; não quer nem pode conceder-lhe um refrigério subjetivo.

Nas releituras de ambos posso até fazer versiprosa como já fiz diversas vezes, mas o homenzinho nervoso de Canudos, de severa



vigilância, não admite as amenidades nem devaneios para o sonho. O espírito rege e conduz *Os Sertões*, em seus movimentos de prosa sinfônica, não faculta ao leitor distraído os adágios, os andantes descontraídos, os interlúdios amolecidos. Por detrás do texto, Euclides parece dizer que não quer brincar, que o que escreve são duras coisas, nascidas de uma cruel e dolorosa agrura. Não fantasia, embora carregue, nos períodos, as frases de belezas verbais inusitadas. Rosa faz ficção; Euclides pratica denúncia; Rosa divaga e delira; Euclides castiga e verruma. Lugar sertão, numa se divulga, noutra se restringe, se endurece: Rosa jagunceia de todo jeito; já Euclides não negaceia em nada, não brinca no texto, carregando nos ombros o crime e o castigo nacionais, sem relaxo nem devaneio. Duro sertão, o de Euclides; suave o de Rosa.

Hoje sabemos que, se ambos não tivessem escrito os grandes livros, por certo teriam enlouquecido. A carga emocional de cada um aliviou-se através da literatura; era grande e pesada demais. Assim o destino de ambos dependeu da publicação desses livros, cada gênio à sua maneira, dando seu recado grande para a humanidade inteira. E o sertão, o barro humano, foi a argamassa, foi a matéria-prima desses livros. Se engrandeceram ambos, engrandecendo-se, com eles, o sertão, que tanto em Euclides como em Rosa ganhou voz, conduto e passagem.

O sertão tem uma vasta bibliografia, tanto em prosa como em verso, mas, sem dúvida alguma, até hoje e para sempre, eles são os dois maiores e mais importantes livros surgidos sobre ou em torno da matéria. Em extensão e em profundidade, cada um com seu próprio e alumbrado calibre. Livros denotativos que venceram, apesar de todas as dificuldades trazidas na sua linguagem, ambas barrocas, grandiloquentes, arremessadas sem esconder certo pedantismo erudito no maneirismo pessoal tanto euclidiano como rosiano.

Euclides sentiu o sertão em duras penas, em episódios de guerra e violência; Rosa ouviu esse sertão narrando violências, que, por um toque misterioso do verdadeiro gênio, soube captá-las como vividas fossem, propriamente. Daí o verismo coloquial da voz de Riobaldo, que é o sertão passeando dentro de Rosa pelos caminhos do mundo.

Grande sertão é o mundo. As veredas são seus caminhos triáveis. Veredas de salvação. O número de aficionados por Rosa

que têm seu livro na cabeceira, no criado-mudo, é muito grande. Antes de dormir, como um padre lê seu breviário, abrem o *Grande Sertão: Veredas* em qualquer lugar e lêem algumas páginas, às vezes até de trás para diante, não importa. Sempre há uma frase, um ensinamento novo. Para cada idade, para cada estado de espírito. Já houve quem o comparasse com o Evangelho. Seria o Evangelho segundo João. Rosa coloca na boca de seus personagens frases primorosas de rara sensibilidade. Lições de humildade, normas de conduta para a vida:

“O princípio de toda pior bobagem é um se prezar demais o próprio de sua pessoa”.

“Riobaldo a colheita é comum, mas o capinar é sozinho”.

“Nojo é invenção do diabo pra se impedir que se tenha dó”.

“Viver é muito perigoso. Querer o bem, com demais força, de incerto jeito, já pode estar sendo se querendo o mal, por principiar”.

Ou, quando Riobaldo pergunta a um preto velho, no meio de um sertão agreste, se ele acha o sertão bom ou mau, o preto responde:

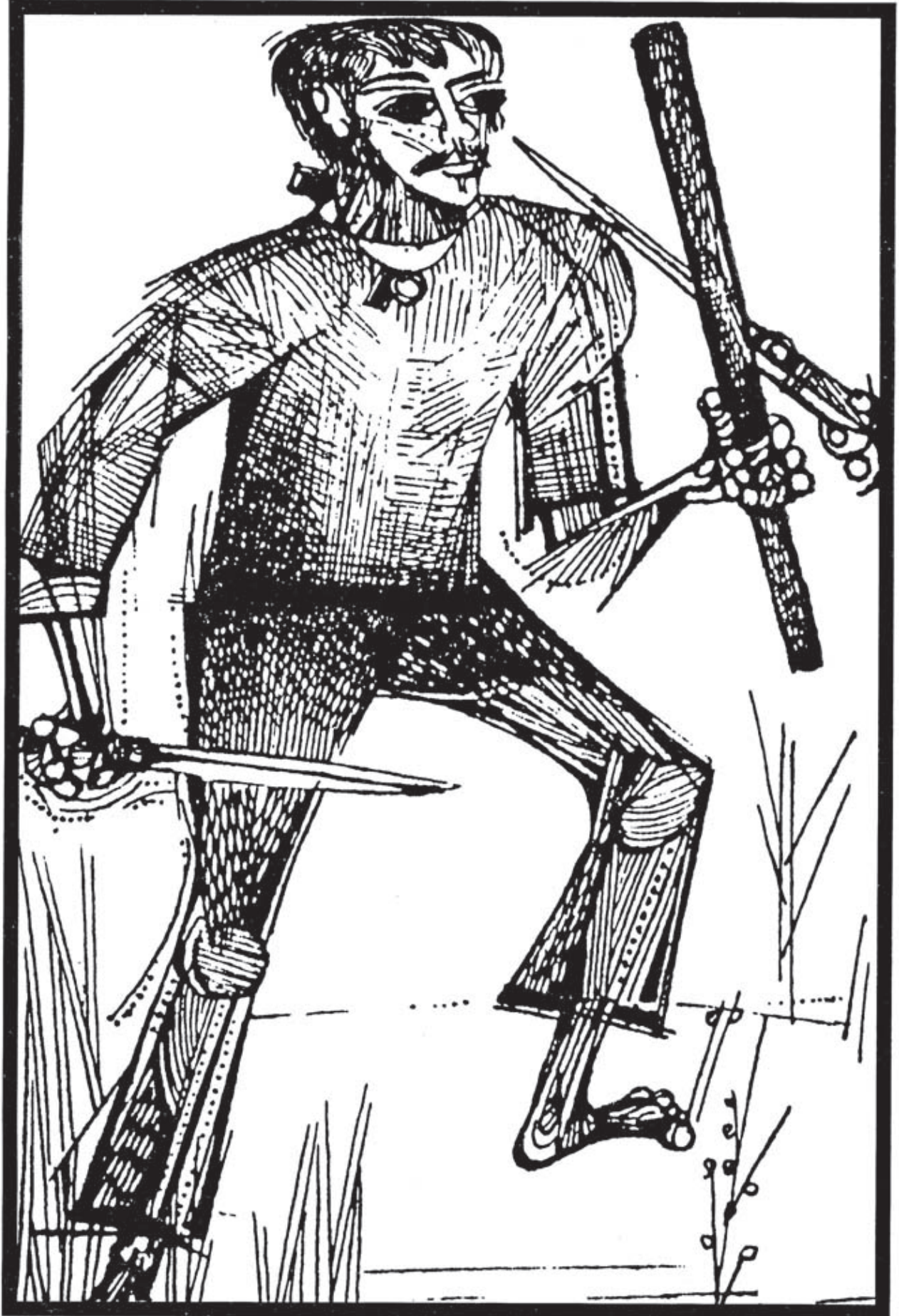
“Sertão não é malino nem caridoso; ele tira ou dá, agrada ou amarga, conforme o senhor mesmo”.

A sabedoria carregada de psicologia contida na frase é de estarrecer. É lição de vida. E bíblica. São veredas que nos ensinam a caminhar pelo mundo, que é um grande sertão.

Gênio é gênio; não se explica por fora, em gestos exteriores. Rosa não teve, como Euclides, uma humilde cabana em São José do Rio Pardo e, sim, um gabinete na cidade, onde escreveu tanta coisa linda captada como que se no próprio sertão estivesse.

Vagamente, Rosa temia em Euclides o excesso da denúncia, já que sua obra procurava ser mais calma, espiritualizada, sem compromissos diretos ou ortodoxos com a história ou com a política. Rosa não era um reacionário, embora seu romantismo o levasse para uma certa indiferença contra os caminhos imediatos de uma saída qualquer, para os torniquetes da sociologia. Não fugia à dor do povo, sentindo-a, porém, por outras vias, que não as euclidianas. Tanto *Os Sertões* como *Grande Sertão: Veredas*







são livros imensamente necessários, de calibre agigantado. Precisam ser lidos sete vezes setenta, porque só assim, em tensas pausas, podem ser entendidos ou escutados. Nada nesses livros é pequeno; o sertão é o todo, e à medida que Euclides ou Rosa entra na posse dele, cada um vai entendendo e decifrando os seus mistérios. Rosa com mais senso de propriedade, já que tomou conta do sertão como um latifundiário de almas, um senhor de fazendas imaginárias, igual ao Manuelzão.

Já o pobre Euclides, menos latifundiário, não teve paz, nem tempo, nem conhecimento de nenhum sertanejo, tipo Manuelzão. O exército, as suas funções de repórter e de cartógrafo, seus nervos tensos e abalados não lhe permitiram essa paz de rede na varanda com as conversas das madrugada em azul e branco, azul del-rei, azul colonial.

As paixões se sucedem dentro das paixões e há nos personagens de Rosa um sentido demoníaco, que não os torna acomodados com essa paz branca do sertão, com o lazer da vida de campo. São homens que cavalgam mais do que caminham e, na energia das selas suadas, em sal e espuma, em ventos e tormentos, perseguem algo que está além de Deus ou do Diabo. Chegam a ser até impacientes; não querem estourar os miolos, com a monotonia, com as *pequenas coisas* da vida rotineira, sertaneja. Preferem ser jagunços e o galopar dos cavalos ajuda os esbravejamentos, os inesperados rompantes em instantes que contêm relâmpagos de tempestades e ameaças. Há várias epopéias dentro de uma só em *Grande Sertão: Veredas*, igualmente como acontece em *Os Sertões*.

Nos dois há o sertão místico; o sertão político; o sertão geográfico nas quebradas da *civilização do couro*, nos contrafortes do *planalto central do Brasil*, descendo em *escarpas inteiriças, altas e abruptas*. Os mares de pedras existem, como as antigas lavas vulcânicas, daí os personagens andarem pisando em brasa, levitados. O determinismo do ambiente ditou o fanatismo do destino. Há estandartes contra tiros em guerras brabas, doidas. O poder do mato cria, em Euclides, os mandacarus de fogo, fazendo botânica animada, nas páginas do jagunço, meu capitão.

Nas boas influências recebidas tanto devo a um, como ao outro devo. São meus instrutores em altas letras, elevados *padrins* meus. Emocionado, talvez aqui esteja fa-

lando demais. Aliás, literatura é voz. Voz que pede passagem. O sertão é uma passagem estradeira. Nele rodo quilômetros, rodo essas vozes nervosas que, caladas, estavam à espera de uma denotação, de uma deflagração. As palavras, como as criaturas, também adoecem e morrem. E morrendo, no despejo forte, elas, como boiadas que vão caminhando para o sertão, buscam o encantamento do infinito literário, a fonde, por certo, adquirirão o direito à eternidade.

Queria ter tanto de Euclides como de Rosa um descanso, um afastamento. Agora vejo que não posso; falar deles é uma obrigação de alegria, de criação, de destinação.

*O sertão é o homizio*. Essa definição de Euclides da Cunha muito se aproxima de Guimarães Rosa quando afirma ser *o sertão sozinho*. Em ambas as frases encontramos a mesma conotação de solidão, de abandono, além da geografia deserdada. Sendo valimento, o sertão nasce e morre dentro da gente, já que, como sentimento hereditário e adquirido, ele transcende às coordenadas ou às simples demarcações territoriais.

Em ambos há, pois, um conceito subjetivo de sertão como categoria do eterno, podendo desaparecer como acidente terreno, mas nunca se acabando no interior humano, no ente vivente, dentro nas entranhas, *nos escondidos vividos*.

Da eternidade do sertão eles trataram, em obras de caráter diverso, deixando-nos dessa eternidade as maiores ressonâncias artísticas e literárias do pensamento nacional. Em Euclides, a obra histórica, a obra sociológica datada e documental, a obra verídica e geográfica; já em Rosa, a obra emocional, a obra misteriosa, a obra subjetiva, sem tanto compromisso com a realidade social ou real, embora presente também. Sertão temporal; sertão atemporal. Sertão espaço; trans-sertão. O que era sociológico em Euclides transformou-se em emocional, em estético, em Rosa; embora porém esse estético ou esse emocional esteja também em Euclides, só que sofrendo nele um outro tratamento, brotado mais da história, da geografia ou da sociologia do que da imaginação ou do enredo, da fabulação pura. Em ambos, o sertão sofre o mesmo impacto do *fabular de agruras*, já que, obras sofridas, transfiguradas, elas não deixam de lado o registro amargo do sofrimento do *homem, antes de tudo, um forte*.

O herói de Euclides leva apenas o nome de sertanejo, já o herói de Rosa tem um



nome: Riobaldo. Dando nome ao herói, Rosa se apossa das veredas do grande sertão através de Riobaldo, como Euclides do sertão também se apossa em plena guerra, daí o caráter épico de ambos.

No fim do livro de Rosa, depois da morte de Diadorim, Riobaldo sofreu de uma ligeira paralisia geral. O sertão de Euclides ficou sem herói, ou melhor, resolveu acabar com seus heróis lutando, morrendo todos, sem entrega. O sertão, tanto num como noutro, é uma guerra. Guerra bem verdadeira: de espantar, em Euclides. Guerra psicológica, eterna, em Rosa, entre as forças do bem e do mal, entre Deus e o Diabo. Deus e o Diabo dentro da gente. Riobaldo conta:

“Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que, não sei. Um grande sertão. Não sei, ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas e essas poucas veredas.

Eu queria decifrar as coisas que são importantes. Queria entender do medo e da coragem e da gá que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder. O que induz a gente para as más ações estranhas”.

Acho que em Euclides o sertão pegou fogo, em possessão guerreira. Continuou, noutro tom mais calmo, em Rosa, profeta maior. Euclides juntou o espanto com o arranco, já Rosa reuniu, numa só pessoa, o vaqueiro e o Ministro, o lógico e o absurdo, naquele sentido que um Camus traz para o destino humano.

Agora, na maturidade, costumo ler os dois, sentindo-me meio Antônio Beatinho, meio professor Riobaldo, frustrado na grande cidade, com saudades de um sertão desaparecido. Penso em quanto há de cinematográfico em Euclides e em Rosa, cada um pedindo a câmara de um Visconti ou de um Fellini, de um Roberto Santos ou de um Glauber Rocha, para a reconsagração, em grau aumentado, do poder dos seus personagens.

É claro que os cenários têm de ser desenhados pelos murais de Portinari, sendo seu fundo musical as bachianas brasileiras de Vila-Lobos. Porque em se tratando de genialidades nacionais, a gente não pode fazer por menos. Euclides, Rosa, Portinari e Vila-Lobos, poderoso quarteto em sol maior das nossas expressões artísticas, os maiores que já tivemos.

Os estigmas da guerra civil presenciada

andava na alma de Euclides. Criatura mais infeliz e mais atormentada do que Rosa, que, na paz e na glória, libertava-se dos seus doloridos fantasmas sertanejos, em exorcismos pessoais, em terços e rezas, orações cruzadas nos corredores do Itamarati ou no seu despojado apartamento nos contrafortes dos gerais de Copacabana. Muitas vezes o vi rezando, igual a um beato nordestino, só lhe faltando as multidões em torno para se realizar o carisma, o seu Juazeiro místico. Compadre meu Quelemém o protegia, numa linha kardequiana, numa linha plotiniana, numa linha transcendental, vindas das muitas e sábias leituras.

Sendo o sertão o próprio valimento pessoal de cada um, acontece que, dentro dele, tudo cabe, *tudo é por tudo*. Riobaldo afirma: “Tudo tem seus mistérios”. E muitos são os mistérios, visíveis ou invisíveis, do sertão.

Cenário monótono, uniforme, o sertão exige que o herói mude de nome. Em Euclides, o herói começa sendo Antônio Conselheiro mas vai acabar sendo João Abade, passando antes por toda uma *monarquia de jagunços*, cuja tipologia, uniforme na valentia sem uniforme (sem farda), Euclides fixa e retrata em flagrantes e nomes diversos: João Abade, Pageú, Chico Ema, o feiticeiro das ervas chamado Manuel Quadrado. E tantos outros heróis, tantos.

Já o mesmo acontece em *Grande Sertão: Veredas*. Rosa enumera: Riobaldo, Diadorim, Medeiro Vaz, Joca Ramiro, Zé Bebelo, Seo Candelário, Ricardão, Hermógenes, Joe Bixiguento. Não faltando o curandeiro Kardeque no sertão, o compadre meu Quelemém, um equivalente a Antônio Beatinho, o altaneiro de *Os Sertões*, parente próximo de Manuel Quadrado.

Heróis válidos; heróis desválidos. Animista, poderoso animalista, Rosa possui uma infinita ternura pelos bichos. Fez deles mesmos heróis desválidos, como o caso daquele *Sete-de-Ouros*, o burrinho pedrês, que possuía tanta sabedoria nos cascos, sabedoria e garra, essa que o levou, em meio da fatalidade e da enchente, à salvação daquele vaqueiro cachaceiro, Badu. Já Euclides, na sua infelicidade pessoal, na sua nervosidade típica, não tinha tempo para ter uma ternura maior pelos bichos. Na guerra de Canudos, em Monte Santo, a ver os burros resistentes e consistentes, verdadeiros titãs de pés duros, com o poder de agüentar tudo, chamou-os de *colaborado*





*res prosaicos demais.*

É claro que por se tratar de um romancista, Rosa leva a palma comovida, descendo até as lágrimas, na forma particular e genial de amar o seu burrinho mineiro, nascido em Conceição do Serro. No princípio, Rosa, na primeira versão, começou assim: *Patas matemáticas.*

Crítico social dos mais contundentes da nossa história, a comoção sociológica de Euclides fraseava:

“A luta com todo o seu cortejo de combates sangrentos descambava, deploravelmente prosaica, a um plano obscuro.

Dispensava o heroísmo, desdenhava o gênio militar, excluía o arremesso das brigadas, e queria tropeiros e azêmolas. Esta maneira de ver implicava com o lirismo patriótico e doía, feito um epigrama malévolo da História, mas era a única. Era forçada a intrusão pouco

lisonjeira de tais colaboradores em nossos destinos. O mais colunado dos animais ia assentar, dominadoramente, as patas entaladas em cima de uma crise, e esmagá-la”.

Em tempo hábil foi salva a Pátria e os burros pacientes, heróis anônimos, em comboios escolhidos pelo marechal Bittencourt, ministro da Guerra, seguiram para frente. Euclides faz História; Rosa pratica estória.

Rosa se comove; Euclides se estriba, freiando os ímpetos. Um é cientista social, de belas e pedantes frases; o outro é ficcionista de alumbrados instantes iluminados dentro do irracional, do inconsciente coletivo da nossa gente. Eis aí as conotações, as ambigüidades, as diferenças existentes nos processos artísticos dos dois.

Rosa chora com os cachorros escoraçados dos terreiros dos sertões, com as cadelas que têm nos olhos, escondidos, tesouros cor-de-mel. No pó do tristonho,



Rosa se acachorra num canto, com o rabo entre as pernas, curtindo estranhas e padecidas humildades; Euclides, nervoso correspondente de guerra, num sertão pegando fogo, não tem tempo para possuir esses instantes de borrar. O burrinho pedrês é particular; o burro de Canudos é coletivo ser, elevado à categoria geral do heroísmo anônimo, nacional, euclidiano.

Das águas da civilização do Rio Chico, correm lustrais em batismo de ternura iniciática, em instantes detonativos de fogo. Riobaldo quer dizer rio fracassado, de balde, esforço em vão. No planalto central brasileiro, nos seus socavões profundos, os personagens euclidianos e rosianos nascem, vivem e morrem, com os homens e os heróis que nascem da terra martirizada por séculos de abandonos. Os contratos de riscos ocorrem tanto num como noutro, e quem assume sempre o risco é o jagunço, que morre, baleado, pela polícia a mando do governo.

De Rosa quero a poesia; de Euclides, a sociologia. Tanto uma como outra se afina e não se contrapõe nas suas bases essenciais, nas suas *horas almas*. Sempre fui dos dois uma espécie de boi-ledor, de leitor-vaqueiro, jagunço manso, já que *lugar sertão se divulga*; divulgador sou eu.

Nos sertões, vou andando por uma estrada, tendo ao lado esquerdo a magra figura de Euclides da Cunha, e à minha direita, celestial, em contraste humano, o agigantado João Guimarães Rosa.

Brinco de antologia e, como quem separa bois no curral, aparto, de cada um, os belos ditos escritos, preferidos meus.

De Euclides, escuto e repito: *o sertão é o homizio*. E de Rosa ouço: *o sertão é o sozinho*.

No inverno, com a chegada das chuvas, Euclides se distrai e deixa escapar essa frase: *o sertão é o paraíso...* Corrige a estesia da estação e emenda logo *de sorte que sempre evitado, aquele sertão, até hoje desconhecido, ainda o será por muito tempo*. Riobaldo, ou Rosa, entra, com notas de trompas, em meio da sinfonia: *o sertão é o penal, criminal. O sertão está em toda a parte; o sertão está dentro da gente*.

Nos passos tardos desses trechos-conceitos, veja só, ou melhor, escute, minha gente, a beleza, a profundidade ou o compasso de cada um dos dois grandes estilos. Galope a martelo, cada um cavalga, agalopado, pelos sertões deles, arrancando misteriosas e sonoras variações gerais. Fa-

zem sinfonias em prosa, dizem coisas nunca ouvidas ou escutadas, música dos sertões desaparecidos; Euclides em tempo de guerra; Rosa em tempo de paz, embora paz aparente. Rebentam verbos; estrugem alaridos. Não é nada não, nonada: tanto um como outro cavalga dando tiros e berros nos sertões, causando susto no arraial literário. Na ficção Rosa introduz o termo *danação*; na sociologia de Euclides temos o termo *povoado*, lugar novo, que *já nasce cansado*.

Liso, teso, contido, abrupto, o ritmo das frases; tensos e densos os períodos detonativos. Viajar com eles a gente viaja na eternidade dos sertões, no boleio dos verbos incendiados, substantivados, chamejantes, gementes. E vão passando mares de pedras, *raízes que são galhos*, investidas agalopadas, tiroteios, terremotos, arrancos e espantos. São os sertões estremecidos nas suas bases revolvidas, arrancadas, que se entregam aos leitores sensibilizados. Dos dois eu já fiz o meu *mobral* do entendimento, o meu curso completo de brasilidade, minha universidade de misérias e grandezas ao ar livre, iluminando os cantos escuros que ainda existiam nos socavões da minha ignorância. Aprendi com a luz, que tanto veio de Euclides como de Rosa. Sagrado, emotivo, euclidianizado, ambos nas suas sagrações sinfônicas me conscientizam e assim eu parto, nas cargas que descem e vêm do sertão, com o Conselheiro ou com Riobaldo, para os picos, para os cimos, filtrando chumbo na alma alada, ouropéis nos galopes e tropelias, nos arreios prateados, nas esporas clareadas.

São escritores endemoniados, são escritores divinizados. Em vão, nem num nem noutro encontro a paz desejada. Eles pedem para o leitor não os entenderem depressa, superficialmente; não amá-los logo.

O sertão em febre arde neles, em páginas coivaradas, em purgatórios com macistes personagens: ditongos alongados, aliteraões, verbos deflagrados em cargas de cavalarias ligeiras, em brigadas avançadas, fonemas, treponemas, hematomas de conjugações conjugadas e infinitas. Suas páginas são como tecidos que sangram, derramadas, com períodos alongados, repetições necessárias.

Ambos deram, nas letras do mundo, o seu grande recado, falaram a sua grande voz, rodaram territórios e quilômetros brasileiros. Quem ouviu e não entendeu, zebedeu...